

EM FOCO

# A SOMÁTICA E AS ARTES DA CENA: FRICÇÕES DA EXPERIÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR E NA CULTURA CONTEMPORÂNEA – PARTE II

**MARIA ALBERTINA SILVA GREBLER**  
**DIEGO PIZARRO**

GREBLER, Maria Albertina Silva; PIZARRO, Diego.  
A somática e as artes da cena: fricções da experiência e sua influência no ensino superior e na cultura contemporânea - parte II. *Repertório*, Salvador, ano 22, n. 32, p. **10-20**, 2019.1

DOI: <https://doi.org/10.9771/r.v1i32.33437>

**DOIS SÃO OS OBJETIVOS** que consideramos de igual importância neste segundo número da revista *Repertório* sobre as Somáticas. Um deles é a continuidade da divulgação do trabalho dos pesquisadores brasileiros que dialogam com a formação das Artes Cênicas através de textos que dão conta da presença das Somáticas no ensino e na criação artística no ambiente acadêmico. O outro visa o debate que responde aos aspectos críticos que rondam o discurso do campo somático e se relacionam ao desenvolvimento da pesquisa e abordagens metodológicas aplicadas às Artes Cênicas, e que acreditamos se realizam de forma mais enfática nas traduções dos textos das pesquisadoras Jill Green (2015a) e Emma Meehan (2018).

As autoras se encarregaram de explicar através dos textos, que são em si mesmos exemplares da produção teórica pós-positivista,<sup>1</sup> que é possível trazer a experiência subjetiva para a pesquisa sem abrir mão do rigor acadêmico. Segundo Green (2015a), as teorias “universalizantes” e “essencialistas” usadas pelo método científico tradicional atuam na exclusão de grupos marginalizados, o que ela considera um desserviço para a Educação como um todo. Por isso, ela explica sua opção pelo pós-positivismo sem, contudo, deixar de reconhecer as tensões existentes entre o campo somático, que adota o ponto de vista da primeira pessoa, e os paradigmas da teoria científica, que na maioria das vezes questiona a própria experiência. Desse modo, Green (2015a, p. 10, tradução nossa) busca no pensamento pós-moderno uma alternativa para pensar a epistemologia somática,

**1** O termo é pouco utilizado no Brasil, mas o prefixo ‘pós’ visa criticar o pensamento positivista que acredita na separação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa. O pós-positivismo reconhece a impossibilidade desta separação entre o pesquisador e seu objeto e que o conhecimento humano não se ancora em verdades imutáveis baseadas em fundação sólida, mas sim em conjecturas humanas que podem ser afetadas pela formação, conhecimento e valores do pesquisador. (pt.m.wikipedia.org.)

tendo em vista que ele “Aponta para a pluralidade de verdades e reconhece a diferença e a fragmentação”.<sup>2</sup>

Já Meehan se utiliza da prática artística como pesquisa, trazendo o rigor artístico para a arena, dando um significado performativo para as questões que nos coloca. Tanto quanto Green, ela rejeita o postulado positivista da separação entre sujeito e objeto, declarando-se prontamente, cada uma a seu turno, como “sujeito-participante” da pesquisa que realizam. Desse modo, a dimensão experiencial do indivíduo é demonstrada claramente na composição da escrita teórica, podendo ser percebida na estrutura que parte da autonarrativa, usando a experiência vivida, a memória e a sensibilidade somática como ferramentas demonstradas no conhecimento de causa dos temas tratados.

Green reflete sobre as preocupações do campo somático em relação à sua natureza e dialoga com a comunidade internacional de pesquisadores como por exemplo, a italiana Margherita De Giorgi (2015, p. 56, tradução nossa), que nos alerta sobre a dificuldade colocada pela diversidade intrínseca ao movimento somático ao afirmar que, “Avaliando a Somática como um movimento abrangente e eclético, o primeiro passo é encarar as contradições, tensões e incoerências epistemológicas”. Antes de De Giorgi, a pesquisadora francesa Isabelle Ginot (2010, p.13) denunciou a necessidade de validação que a somática sofre, em parte devido a uma pressão exercida pela sociedade, que induz o campo a estabelecer uma conexão impossível entre a sensação subjetiva e a prova objetiva. “O foco da Somática é a sensação física e a experiência fundamentalmente única de cada pessoa, mas ainda assim, há a necessidade de afirmar seu valor de acordo com a crença que a sociedade tem na verdade objetiva da ciência.”<sup>3</sup> Tanto Ginot como Meehan confirmam a preocupação de Green relativa ao compartilhamento das questões sobre a corporalização da Cultura, considerando que a Somática não deve universalizar os achados feitos no Ocidente, ou prescindir de perspectivas culturais variadas.

Inspirando-se na teoria somática desenvolvida por Thomas Hanna, Don Johnson e outros autores, Green cunhou em 1993 o termo “teoria social somática”, que considera a influência decisiva da experiência, da história e da cultura nos corpos, ou seja, “[...] é uma abordagem somática que reconhece a construção dos corpos na dança e o macrouniverso onde os corpos vivem”.<sup>4</sup> (GREEN, 2015b, p. 65, tradução nossa)

2 “It points to a plurality of truths and acknowledges difference and fragmentation”

3 “Somatics focuses on physical sensation and the fundamentally unique experience of each person, but it needs to affirm its value in accordance with society’s belief in the objective truth of science.”

4 “Social somatic theory” is a somatic approach that acknowledges the social construction of dance bodies and the macro world where bodies live”.

O modo como os corpos são formatados pela cultura é ponto fundamental aqui. Nesse sentido, ainda segundo a autora, as práticas somáticas quando aplicadas de forma isolada, sem considerar a questão macro do mundo em que vivemos, é mais prejudicial do que positiva e pode verdadeiramente causar danos aos participantes. De fato, Fortin (2017) também toca nessa questão ao afirmar que houve um período em que muitas pessoas da somática ficaram envolvidas com o próprio umbigo, desconsiderando significativamente o contexto e o meio-ambiente em que vivemos como determinantes nesse processo de sinergia, como já indicava Hanna em 1983, quando publicou sua definição mais completa sobre a Somática.

Meehan também reconhece o perigo da generalização ao tratar da ‘corporalização da cultura’ e da migração em seu texto *Home Practice*. Ela se alinha com Sylvie Fortin e Andrée Grau (2014, p. 3, tradução nossa), pesquisadores que chamaram a atenção para a falta de articulação das “[...] narrativas usadas para constituir as somáticas em diferentes locais”.<sup>5</sup> Sua contribuição através do texto que se justifica na obra performática *Home Practice* consegue lançar pontes entre a Arte, a pesquisa dos estudos da diáspora e seus reflexos, de modo a recuperar seus efeitos recentes na sociedade contemporânea, afirmando mais uma vez a necessidade de perspectivas culturais variadas para o discurso somático. Em seu conteúdo, que mescla as memórias de sua própria herança familiar materna na Irlanda, ela descreve o desafio das últimas migrações no milênio passado entre a Irlanda e a Inglaterra. Ela mesma fez parte dessa história tendo feito o mesmo trajeto na condição de emigrante e portanto irá recorrer à memória para trazer sua experiência como testemunha de seu discurso sobre o processo de desenraizamento. Mesmo vinda de um país vizinho à Inglaterra, falando a mesma língua do país de destino e sendo branca, ela não deixou de sofrer os efeitos dos preconceitos inerentes à condição de estrangeira. Dito isso, podemos imaginar a potência dos sofrimentos a que são submetidas as pessoas oriundas de outros continentes e que trazem as marcas da cultura visíveis em seu corpo.

Falando com conhecimento de causa, que pode ser verificado nas observações que Meehan faz de sua própria experiência e que atravessam sua escrita, perceberemos como ela usou o método de “rastreamento da corporalização” proposto pelo Movimento Autêntico, e que lhe permitiu a conscientização das mudanças de seu comportamento durante o período de adaptação: falta de pertencimento,

5 “[...] narratives used to constitute somatics in different locations.”

perda de identidade e o sofrimento devido ao preconceito de que foi alvo. Assim ela pode perceber a partir de si mesma a potência da corporalização cultural no processo de adaptação a um novo ambiente. Compreendendo a Cultura como uma faceta da experiência somática, ela estabelece a ligação entre a identidade e o lugar que se habita, para iluminar o modo como a mudança de contexto político, social e geográfico afeta a identidade do sujeito, pois ela é forjada na relação entre o sujeito, as pessoas, as coisas e o lugar em que ele habita. Ela adota a definição de Batson e Wilson (2014, p. 74, tradução nossa) que consideram a corporalização como conhecimento fenomenológico, ou seja, “a capacidade de intuir, inferir, entrar em empatia, imitar e estar em sintonia com os outros.” Assim, podemos imaginar os efeitos nefastos da mudança brusca de um ambiente conhecido, para um ambiente totalmente desconhecido, onde as referências se apagam deixando a pessoa desorientada e incapaz de reagir às situações inesperadas, e de interagir de modo apropriado com pessoas totalmente desconhecidas.

Por mais que os movimentos migratórios tenham feito parte da gênese da Somática na trajetória de seus pioneiros e também por parte dos reformadores do movimento do início do século XX, como afirma Martha Eddy (2009),<sup>6</sup> o tema da migração não tem sido tratado de forma rigorosa pelas práticas somáticas. É nesse contexto em que se situa a originalidade da pesquisa de Meehan. Ela nos fornece algumas pistas valiosas para entender as dificuldades decorrentes do fenômeno da migração que tem assolado o Ocidente, mas que nós brasileiros não conhecemos os últimos capítulos e os mais trágicos que se passaram nas últimas décadas. Porém, com a chegada em massa dos nossos vizinhos da Venezuela e que tem se intensificado desde 2018, reavivamos essa noção por aqui, percebendo o despreparo governamental flagrante em vários eventos recentes ocorridos na fronteira entre os dois países. Pelo menos no aspecto individual podemos aproveitar a experiência relatada por Meehan para nos ajudar a compreender os desafios humanitários que ora se apresentam também a nós brasileiros.

Essa é, sobretudo, uma questão contemporânea que nos ancora na necessidade de um pensamento somático que caminhe além de práticas específicas, rumo a uma cultura somática, como já previa Thomas Hanna (1970), considerando a diversidade (de corpos e práticas) e a sustentabilidade. Não por acaso, em sua mais recente publicação, Don Johnson (2018, p. 17, tradução nossa) a intitula de

**6** Este texto foi traduzido para a língua portuguesa e publicado no #31 da *Revista Repertório* (2.2018), sob o título “Uma breve história das práticas somáticas e da dança: desenvolvimento histórico do campo da Educação Somática e suas relações com a dança.”

*Diverse Bodies, Diverse Practices: Toward and Inclusive Somatics* e nos direciona a seguinte pergunta: “[...] como realmente nos unimos de forma sustentada, que se torne efetiva o suficiente para deter as marés de destruição?”<sup>7</sup> Para ele, a complexa, preocupante e devastadora situação atual do mundo exige um posicionamento social inclusivo a fim de que possamos desenvolver nossos trabalhos de forma muito mais ampla. Precisamente aí, é necessário reconhecer e corporalizar nossa autoridade somática, ou autoridade sensual. (JOHNSON, 1992)

Quando as múltiplas camadas dos movimentos corporais, impulsos e percepções não se transformam em movimentos criativos na direção da liberdade, as pessoas perdem os sentimentos em relação ao próximo e ao sentido da vida, e são facilmente submetidas aos meios de comunicação de massa e a ideólogos que fomentam movimentos populistas alimentados pelo medo e pela desorientação.<sup>8</sup> (JOHNSON, 2018, p. 14, tradução nossa)

Para o autor, as instituições de forma geral, da família, à religião e à sociedade, tendem a moldar as pessoas suprimindo suas genialidades, especialmente por subjugarem sua inteligência somática. A impregnação de valores em nossa criação, de forma geral, faz-nos acreditar que nada sabemos e que, portanto, nada podemos. “O autoritarismo é mais do que uma ideia ou uma força psicológica; ele está entrelaçado com nossa medula óssea, fazendo com que nos comportemos como máquinas, em vez de organismos autorreguladores.”<sup>9</sup> (JOHNSON, 1992, p. 17, tradução nossa) Nesse sentido, a Somática tem muito a contribuir e nos ajudar a entender a desorientação que permeia nossa era;<sup>10</sup> não no sentido de servir como um antídoto ou panaceia para todas as mazelas do mundo, como problematiza Green (2015b), mas como uma forma de se fazer presente no mundo e honrar nossa existência nosso talento somático que nos torna aptos à união entre os seres e ao bem comum pela plenitude da vida.

A democracia não é uma realidade, mas uma esperança, como a própria somática, um ideal regulador que nos coloca em caminhos de luta para imaginar o que ainda não é, e que exige uma profunda reformulação de nossas tendências narcisísticas.<sup>11</sup> (JOHNSON, 2018, p. 8, tradução nossa)

**7** “[...] how do we truly come together in a sustained way that becomes effective enough to stem the tides of destruction?”

**8** “When the multiple layers of bodily movements, impulses, and perceptions are not creatively transformed into creative movements in the directions of freedom, feelings for others, and purpose, people become easily subject to mass media and ideologues who foment populist movements fueled by fear and disorientation”

**9** “Authoritarianism is more than an idea or a psychological force; it is woven into our bone marrow, causing us to behave like machines rather than self-regulating organisms.”

**10** No século passado, os pioneiros somáticos lidaram com outras transformações e adversidades extremas, como os problemas sociais oriundos da Revolução Industrial, as guerras mundiais, os massacres étnicos, e as migrações em massa, por exemplo. Neste século, Johnson (2018, p. 17) aponta para “a destruição ambiental, a recorrência da ameaça nuclear, deslocamento de populações, a ascensão de políticas totalitárias e racistas e ganância desenfreada.”

**11** “Democracy is not a reality, but a hope, like somatics itself, a regulative ideal that sets us on paths of struggle to imagine what is not yet, and requiring a profound reshaping of our narcissistic proclivities.”

Nesse caminho, a gênese das epistemologias somáticas (em sua tradição oral, tátil e descentralizada),<sup>12</sup> com teorias e práticas engrossadas pelo caldo da pesquisa acadêmica, seja em suas versões críticas, como a “epistemologia radical” de Ginot (2010) e a “teoria social somática” de Green (1993, 2015b), ou pertencentes aos paradigmas da pesquisa somática, como a “abordagem somático-performativa”, de Ciane Fernandes (2018), por exemplo, consideram ideias que surgem das/nas práticas corporais. Estas ideias, segundo Johnson (2018), podem surgir de duas formas bastante diferentes: 1 – De tudo aquilo que fazem conosco e de tudo aquilo que nós fazemos, relacionado a nossas vidas cotidianas, desde a infância até as ações naturais como caminhar, sentar, respirar, etc.; 2 – A partir de atividades escolhidas propositalmente, como práticas de exercício, meditação, dieta, etc.

Confiar nas respostas e perguntas que surgem do/no corpo, pautando-se na autoridade somática, é um ato radical para a produção de conhecimento. As práticas corporais, dentro do modelo estabelecido, são consideradas úteis somente para objetivos periféricos, como o bem estar e a melhora da saúde, por exemplo, “mas não intrinsecamente relacionados à qualidade do pensamento da pessoa ou na tomada de decisões.”<sup>13</sup> (JOHNSON, 2018, p. 10, tradução nossa) Sendo assim, como forjar um caminho para a pesquisa somática? Green (2015a) apresenta alguns caminhos, no meio de algumas lutas pessoais entre um paradigma e outro. Fernandes, Meehan e outros pesquisadores, influenciados pela prática como pesquisa e a performance como pesquisa, sugerem bons exemplos de uma prática radical produtiva nesse sentido.

Como uma das representantes da linha de pesquisa Somática, Performance e Novas Mídias do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), a contribuição de Ciane Fernandes se apresenta neste dossiê com *Paisagens submersas de células-tronco*, que traz um relato imagético-conceitual das performances realizadas pelo coletivo de pesquisa que coordena, em sua maioria informadas por sua original Abordagem Somático-Performativa – um antimétodo de pesquisa – na disciplina Laboratório de Performance. Nele, as performances são geradas como uma “teia de a-fetos, entre raízes e rizomas, encontros e desencontros, deslocamentos, desterramentos e reterritorializações múltiplas” entre integrantes antigos, recentes, ex-alunos e alunos recém-chegados, pesquisadores colaboradores e demais corpos

**12** Descentralizada no sentido de terem se desenvolvido de forma isolada em diversas partes do mundo. Contudo, há uma centralização colonizadora recorrente nas narrativas somáticas do século passado, que tendem a considerar somente o movimento somático euro-americano no desenvolvimento do campo.

**13** “[...] but not intrinsically related to the quality of one’s thinking and decision-making.”

de afeto. Em 20 anos de existência do coletivo, a contribuição registrada neste dossiê é um inventário de intensa pesquisa prática, precisamente motivada e fundamentada na pesquisa somática.

Contribuição interessante de autocrítica que se coloca em sinergia com as preocupações atuais do campo somático se revela no texto “O paradoxo da submissão como mecanismo libertário nas práticas somáticas”, de Eliza Mara Lozano Costa, presente neste número. Do ponto de vista sociológico, a autora discute dialeticamente os aspectos de autonomia, liberdade e bem-estar presentes nas práticas somáticas mas que só podem se realizar através da submissão temporária dos participantes aos seus professores/instrutores. Assim, este contrato paradoxal, mesmo possibilitando a criação de novas subjetividades, requer a submissão, mesmo que temporária.

Já no texto de Márcia Baltazar, “Expressão corporal: educação somática e política”, tem-se uma reflexão acerca de experiências realizadas no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Sergipe com “Consciência e Expressão Corporal”. Partindo do entendimento contemporâneo do conceito de democracia, a autora dá voz aos estudantes participantes e a utiliza para discutir o poder que pode ser exercido pela micropolítica gerada nas práticas de conscientização do corpo como uma arma na luta pelas transformações políticas, culturais e sociais. Um movimento necessário em tempos de crise generalizada, tanto local como global.

E é no seio das políticas da subjetividade que o texto “Micropolíticas do sensível, corporeidade e clínica”, de Catarina Resende e estudantes participantes do Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS), sediado no Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói), tece um território vivencial para a clínica por meio da “criação de micropolíticas do sensível, como um possível desvio às forças de captura dos fluxos dos corpos no capitalismo”. Ao considerar a experiência vivida em uma oficina fundamentada em alguns princípios do sistema somático criado por Bonnie Bainbridge Cohen<sup>14</sup>, *Body-Mind Centering*<sup>TM</sup>, as autoras se posicionam a favor desta prática afirmando que “É preciso criar meios para que o corpo possa (re)existir na sua força pulsante e de contágio”.

**14** A estadunidense Bonnie Bainbridge Cohen desenvolveu um sistema somático complexo a partir dos anos 1960 como uma pesquisa vivencial incessante que inclui a embriologia e a anatomia corporalizadas (sistemas corporais) e o desenvolvimento do movimento infantil. É um amálgama de suas experiências com práticas orientais (incluindo artes marciais), terapia ocupacional, dança, e outras práticas terapêuticas e somáticas ocidentais. Ver: <https://www.bodymindcentering.com/>



Outras contribuições a este dossiê compartilham experiências entre a dança, o teatro e a psicologia, entrelaçando temas transversais fundamentais, realizados em cursos superiores em diferentes estados brasileiros, dando uma noção da diversidade de interesses que envolvem a pesquisa com a somática no Brasil atualmente, como é o caso do texto de André Luiz Lopes Magela, “Exercícios prototípicos para uma educação teatral: uma pedagogia de composições, devir e agenciamentos”, e “Preparação corporal e Somaestética na Universidade Federal de Uberlândia 2000-2018”, de Renata Bittencourt Meira. O primeiro texto apresenta uma descrição reflexiva de exercícios realizados no Curso de Teatro da Universidade Federal de São João Del Rei, em relação a aspectos da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Magela se fundamenta em uma definição bastante ampla de somática, referindo-se a práticas corporais que não se coadunam com qualquer separação corpo-mente, práticas que prezam pela integralidade da pessoa. Conforme descreve os exercícios aplicados e os relaciona com a filosofia em questão, o autor estabelece uma possibilidade ampliada para se pensar a somática no ensino do teatro.

Já o texto de Renata Meira apresenta uma reflexão sobre as transformações do currículo da Graduação em Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, com especial interesse em demonstrar quais abordagens somáticas e de que modo elas estiveram presentes nas reformulações do projeto pedagógico do referido curso ao longo dos últimos 18 anos. Tendo sido influente especialmente na área da dança no Brasil, a somática vem sendo atualmente incorporada na educação teatral das universidades. Este texto demonstra que a inclusão da Educação Somática na formação acadêmica em Teatro nas duas últimas décadas tem sido um exercício incansável, fundamental e fruto da dedicação do trabalho de alguns professores que percebem a eficácia dos valores didáticos que a Educação Somática traz para o ensino em geral, principalmente para a formação do pesquisador-artista das Artes Cênicas no Brasil de hoje. Márcia Strazzacappa (2012), por exemplo, desenvolveu este tema em pesquisas anteriores.

Acreditamos que tanto a produção do ambiente acadêmico brasileiro, quanto os textos traduzidos, demonstram a inserção das somáticas na Cultura Contemporânea. A comunidade universitária brasileira pode se orgulhar de um trabalho incansável e que por vezes encontrou resistência em todas as frentes (e

por isso foi muitas vezes solitário), no entanto agora pode colher os frutos de um ensino renovado pela produção do conhecimento que se dá através da construção de um projeto participativo que envolve o aluno no processo dinâmico de um aprender-fazendo, que se deixa modular pela interatividade entre arte e somática.



## REFERÊNCIAS

- BATSON, Glenna; WILSON, Margaret. *Body and Mind in Motion: dance and neuroscience in conversation*. Chicago: University of Chicago Press, 2014.
- EDDY, Martha. A brief history of somatic practices and dance: historical development of the field of somatic education and its relationship to dance. *Journal of Dance & Somatic Practices*, Bristol, v. 1, n. 1, p. 5-27, 2009.
- FERNANDES, Ciane. *Dança Cristal: da arte do movimento à abordagem somático-performativa*. Salvador: Edufba, 2018.
- FORTIN, S. Looking for blind spots in somatics' evolving pathways. *Journal of Dance & Somatic Practices*, Bristol, v. 9, n. 2, p. 145-157, 2017.
- FORTIN, Sylvie; GRAU, Andrée. Editorial. *Journal of Dance & Somatic Practices*, Bristol, v. 6, n. 1, p. 3-7, 2014.
- GINOT, Isabelle. From Shusterman's somaesthetics to a radical Epistemology of somatics. *Dance Research Journal*, Champaign, n. 42, p. 12-29, Summer, 2010.
- DE GIORGI, Margherita. Dando Forma ao Corpo Vivo: paradigmas do soma e da autoridade em escritos de Thomas Hanna. *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/4>.
- GREEN, Jill. *Fostering creativity through movement and body awareness practices: a postpositivist investigation into the relationship between somatics and the creative process*. 1993. 303f. Tese (Doutorado em Filosofia) — The Ohio State University, 1993. Dissertation Abstracts International, 54, 3910A.
- GREEN, Jill. Moving in, out, through, and beyond the tensions between experience and social construction in somatic theory. *Journal of Dance and Somatic Practices*, Bristol, v. 7, n. 1, p. 7-19, 2015a.
- GREEN, Jill. Social somatic theory: issues and applications in dance pedagogy. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, n.13, p. 65-76, jul./dez. 2015b.
- HANNA, T. Dictionary definition of the word somatics. *Somatics*, v. 4, n. 2, p. 1, 1983.
- HANNA, Thomas. *Bodies in Revolt: a primer in somatic thinking*. New York: Holt Reinhart, 1970.

JOHNSON, Don Hanlon. *Body: recovering our sensual wisdom*. Berkeley: North Atlantic Books, 1992.

JOHNSON, Don Hanlon. Introduction: Borderlands. In: JOHNSON, Don Hanlon (ed.). *Diverse bodies, diverse practices: toward an inclusive somatics*. Berkeley: North Atlantic Books, 2018. p. 1-19.

**MARIA ALBERTINA SILVA GREBLER:** é professora Associada da Universidade Federal da Bahia, onde leciona na Graduação da Escola de Dança e na Pós-Graduação da Escola de Teatro. Doutora em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia com estágio de pesquisa na Universidade Paris 8 sob orientação de Isabelle Launay. Mestrado (MFA) na *Temple University*, Philadelphia. sob orientação de Ann Vachon. Dançarina, coreógrafa e fundadora da Companhia de Dança Contemporânea Tran-Chan (1980-2002), que produziu cerca de 15 espetáculos e projetos que divulgaram a Escola de Dança no Brasil, no Chile, Colômbia, Alemanha e Estados Unidos. Interesse de pesquisa na área da História e Modernidade da Dança, Técnicas da Dança, Pedagogia da Dança, Práticas Somáticas e Videodança. Contato: [bettigrebler@gmail.com](mailto:bettigrebler@gmail.com)

**DIEGO PIZARRO:** é professor do Instituto Federal de Brasília (IFB) no Curso de Licenciatura em Dança, Mestre em Arte Contemporânea pela Universidade de Brasília, Doutorando em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia sob a orientação da Dr<sup>a</sup> Maria Albertina S. Grebler. Realizou estágio de pesquisa (Doutorado Sanduíche) na *University of North Carolina at Greensboro* (UNCG), sob orientação da Dr<sup>a</sup> Jill Green, como bolsista da Capes/PDSE/Processo nº 88881.187880/2018-01. Dançarino, Coreógrafo e Educador Somático certificado em *Teacher of Body-Mind Centering™* e Cadeias Musculares e Articulares Método GDS®. Coordena o Grupo de Pesquisa e Extensão CEDA-SI, Coletivo de Estudos em Dança, Educação Somática e Improvisação. Contato: [diego.pizarro@ifb.edu.br](mailto:diego.pizarro@ifb.edu.br)